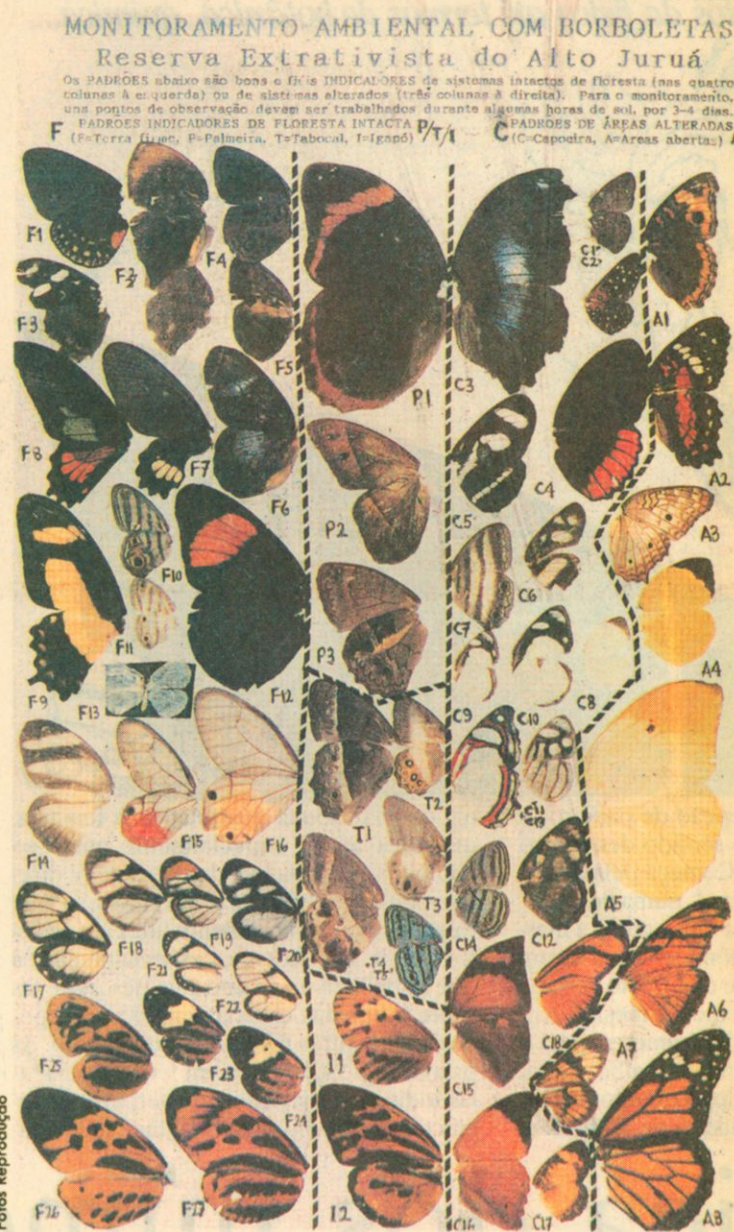


# A floresta das luzes

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha organiza a edição, em julho, de uma enciclopédia que catalogará a diversidade de espécies e os saberes dos povos da Amazônia

Por Joana Monteleone



Esquema de catalogação de borboletas criado por pesquisadores para o monitoramento feito pela população da reserva extrativista do Alto Juruá



Desenho feito especialmente para o livro do francês Serge Nicolle, especializado em pássaros. Em 52 dias de trabalho foram catalogadas 554 espécies diferentes de aves

Em 1751 era publicado o primeiro volume de uma obra de fôlego. A totalidade do conhecimento humano seria reunida em um único livro, *L'Encyclopédie*, organizado por uma dupla dinâmica entre os filósofos iluministas Diderot e D'Alambert.

A *Enciclopédia* fez escola. Quando foi publicada, um novíssimo continente, a América, acabava de sair das profundas águas oceânicas e ainda estava úmido, segundo um de seus autores, o naturalista Buffon. O conhecimento para os gentis homens do séculos da luzes estava restrito à Europa ocidental. Os 200 anos do novo continente não contavam e o saber dos povos habitantes destas áreas não tinha espaço na árvore do conhecimento iluminista, não era científico, diziam os sábios filósofos.

O mundo precisou de mais 200 anos (e muitas revoluções) para reconhecer a importância do conhecimento dessas populações, por muito tempo rotuladas de primitivas. (Talvez Buffon afirmasse, se estivesse vivo hoje, que nesses 200 anos a América secou, tornando-se madura intelectualmente, mas esta é outra história). Hoje, a diversidade de espécies e culturas da América faz com que os cientistas procurem locais como a Amazônia (a Rain Forest dos estrangeiros). O saber desses povos da floresta está sendo organizado em outra enciclopédia, que apesar da dívida para com o seu antepassado francês, está longe do molde iluminista. *A Enciclopédia da Floresta* deve sair em julho numa parceria entre a editora Companhia das Letras e o Ibama, Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (veja nesta página um trecho da enciclopédia).

As populações tradicionais da região, assim como o trabalho de 35 pesquisadores de universidades brasileiras, resultaram numa edição luxuosa com 400 páginas que englobam fotos e desenhos de mamíferos, pássaros, peixes e da vegetação de uma parte da floresta, o Alto do Rio Juruá, no Acre, fronteira com o Peru.

Por meio de depoimentos, os pesquisadores entrevistaram as populações locais e transformaram esse saber, que poderia facilmente se perder com o tempo, na forma de livro. "É importante ressaltar a ativa participação que os habitantes da região tiveram para a composição do livro. Sem o auxílio de pessoas como Antonia Conceição Pereira ou o inestimável saber sobre os peixes de Antônio Ferreira de Oliveira o livro não teria saído", ressalta Manuela Carneiro da Cunha, antropóloga e professora da Universidade de São Paulo que faz parte

Serge, delicado e sensível aos detalhes, deslumbrado com a variedade de cores e formas, lembra o dos viajantes europeus que estiveram por aqui no século 19 (reproduzimos uma dessas ilustrações acima).

O livro é resultado de uma das etapas de projeto muito maior que envolve os habitantes da reserva extrativista do Alto Juruá. O Projeto de Pesquisa e Monitoramento do Alto Juruá tem apoio, além de institutos e universidades do Brasil, da Fundação MacArthur, de Chicago, nos Estados Unidos, e vem sendo desenvolvido desde 1992. "Nosso objetivo principal é mostrar que populações tradicionais podem gerenciar e monitorar áreas de conservação ambiental", explica Ma-



nuela Carneiro da Cunha, que ajuda na coordenação do projeto e do livro. A palavra-chave, que explica esse tipo de gerenciamento/monitoramento, é desenvolvimento sustentável. Os pesquisadores envolvidos são em sua maioria biólogos e antropólogos, que ajudam as populações a

monitorar a área. Na área, habita mais de um tipo de população, os seringueiros, que vieram do Ceará há cem anos, e dois tipos de grupos indígenas. Os de língua pano, como os Kashinaiá, que habitam há séculos a região, e outros como os Ashaninka, que vieram do piedmonte andino, no Peru, há cerca de um século. "Esses três tipos de população convivem pacificamente", ressalta. "A enciclopé-

dia pretende abarcar a riqueza do conhecimento que esses povos têm da região e a variedade de espécies que habita o Alto Juruá."

Numa assembléia de seringueiros em Brasília, em 1985, surgiu a idéia de formar uma reserva extrativista que preservasse os

recursos da região, já então vista pelos pesquisadores como uma das mais ricas do globo em diversidade biológica. Em 23 de janeiro de 1991, depois de muita luta por parte da população e da equipe de pesquisadores, foi criada a primeira reserva extrativista do País. Este tipo de reserva ambiental é diferente de outras já criadas. "Em vez de o Ibama vigiar diretamente a reserva, são as próprias populações locais que se

responsabilizam pela preservação da região", diz a professora. Na época da assembléia em Brasília, vários fazendeiros queriam desmatar a região, acabando com o sustento das populações do local. "Surgiram os chamados empates, quando várias pessoas ficavam na frente das máquinas para impedir a derrubada das árvores. O Chico Mendes, assim como diversos seringueiros e pesquisadores da região, participaram de vários empates. Dessa luta foi criada a reserva", explica Manuela, matemática de formação, que já trabalhou na sua tese de doutorado com Claude Lévi-Strauss.



"A enciclopédia abarcará a riqueza do conhecimento que esses povos têm do Alto Juruá"

A quantidade de espécies que habita a região foi uma das características fundamentais para que o Alto Juruá fosse escolhido como a primeira reserva extrativista do País. Os 506.186 hectares da reserva guardam tesouros valiosos para cientistas do mundo inteiro. Para se ter uma idéia, foram descobertas 535 espécies de aves em 52 dias de trabalho. Nove destas espécies nunca tinham sido vistas no País.

"O maior número de espécies até então descoberto tinha sido encontrado em Tambopata, no Peru. Em dez anos de trabalho, foram encontrados 554 qualidades diferentes de pássaros", conta Manuela. O biólogo e professor da Unicamp Keith Brown faz parte da equipe e conseguiu catalogar 751 qualidades de borboletas em 660 horas de trabalho, junto com seu assistente André Freitas.

"As várias espécies de borboletas mostram que existem muitas qualidades de mata. A reserva é riquíssima e a interferência dos habitantes tradicionais não destrói o meio ambiente", argumenta a ruiva antropóloga. A maioria das perturbações humanas das populações tradicionais tem os mesmos efeitos diversificadores no sistema que as naturais, em escalas diferentes, explica o professor Keith Brown em mesa-redonda ocorrida em julho do ano passado em São Luís, Maranhão.

"As roças de um hectare imitam os desbarramentos de rios. Entretanto, o uso de agrotóxicos, a queima de árvores maiores, a caça intensiva de aves e mamíferos pode levar a efeitos mais drásticos, com a redução nos sistemas naturais."

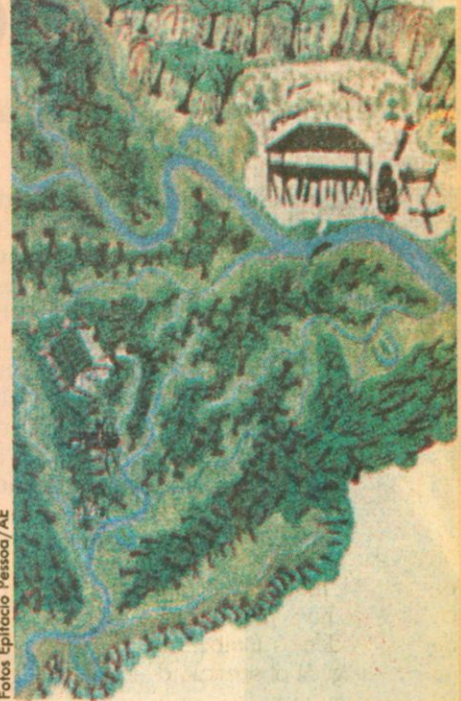
Joana Monteleone é repórter do Caderno de Sábado

## TRECHO

### Procurando caça, o caçador feliz

Enciclopédia traz o depoimento de Milton Gomes da Conceição a Mauro Almeida

O caçador feliz aquilo é um dote dado por Deus. Eu tiro por mim. No tempo que eu caçava, eu nunca fui pra mata caçar que não mata-va. Matava caça grande, embiara. Mas tenho visto deles que passa o dia na mata e não mata nada. Aquilo é dote dado pela natureza. Uma coisa bem certa que eu dou. Ali no Machadinho, é um lugar muito bom de rancho. O Cidoca, meu caçula, é muito feliz. Ele não vai pra mata pra não trazer... Eu vi o Riberrinho. Cansou de sair cinco horas da manhã e chegar seis da tarde e não trazia nada pra dar de comer para os mehninos. Eu creio que é enascado de natureza. Porque o Sidoca não tem pautá, coisa nenhuma. Só a sorte deles, graças a Deus. Que nem eu. Eu matei muita caça, mas graças a Deus nunca fiz porqueira nenhuma.



Desenhos feitos por populações tradicionais do Alto Juruá sobre a região, que farão parte do livro Enciclopédia da Floresta

[Porque porqueira?] Não acho que seja de acerto, porque a pessoa que faz porqueira pra matar caça, ele mata dois a três anos e depois não mata mais nada.

Se ele perder a porqueira ele não mata mais nada. O vizinho é que [traz comida para ele]. Conheci o pai da Mariana, de criação. Ele falava pra mim idéias de matar caça. Ele levava com ele a maça do veado para matar caça. Ele velhinho não matava nada. Carregaram. A maça serve sete anos. Sete anos em diante não serve mais. Pois bem. Acho que as caças que ele tinha de matar era aquelas que ele fez aquela porqueira e pra frente ele não mata

deles que vai pra mata e mata muito veado. Outro não. Tem deles marisca de bicheiro. Eu não sei de pegar 18 peixe grande de bicheiro. E tenho visto deles passar o dia inteiro e não pegar nada. É pra todo tipo de marisco. Os outros vão mariscar, passa o dia todinho, e não pega nada. Ele vai mariscar vem com surubim, jundia, cuiú... No dia que ele vai mariscar a gente sabe que janta. Os outros não pega nada. É a sorte.



Para Manuela Carneiro da Cunha (foto), as populações locais devem ser levadas a preservar a região

da organização do livro. Ilustrações feitas por um francês, Serge Nicolle, especializado em desenhar pássaros, enriquecem a publicação. O olhar de